

REFLEXÕES SOBRE A DANÇA *SIRIRI* E PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM CUIABÁ-MT¹

Giordanna Santos²

Resumo: Este artigo é uma breve reflexão sobre identidade e cultura popular, tendo como *corpus* a dança siriri, que é uma das manifestações mais “tradicionais” em Mato Grosso, principalmente nos municípios que integram a chamada “Baixada Cuiabana”, que são localizados no entorno de Cuiabá. Observa-se que no contexto atual do siriri há um forte “apelo” a identidade local. Com base nos teóricos Stuart Hall e Homi K. Bhabha, acredito que a construção identitária, em Cuiabá, está diretamente vinculada aos fluxos migratórios e também as relações de poder e trocas simbólicas entre os integrantes de grupos de siriri, o campo das mídias e do poder político. Para tratar desses assuntos, serão utilizados os conceitos de trocas simbólicas de Pierre Bourdieu, de hegemônico-subalterno, cultura popular e negociação de Nestor Garcia Canclini.

Palavras-chave: Siriri, identidade, mídia, poder; negociação;

‘SIRIRI RAIZ E SIRIRI ESPETÁCULO’

Considerado com uma das danças mais antigas em Mato Grosso, o siriri vem passando por um processo de **ressignificação**, assim como ocorre com outras manifestações culturais originárias das classes subalternas.

De origem desconhecida, essa dança está ligada ao próprio processo histórico-cultural de Mato Grosso, principalmente, em decorrência da miscigenação. O processo de colonização e povoamento no Estado, que na época ainda era capitania de São Paulo, inicia-se em 1719, às margens do Rio Coxipó, surgindo dois núcleos populacionais: Arraial de São Gonçalo e da Forquilha. O Arraial de São Gonçalo, que possuía entre seus habitantes índios coxiponé, é, até hoje, um dos principais locais onde se dança siriri.

¹ Este artigo é parte da pesquisa de Mestrado “Dançando o siriri na contemporaneidade: suas relações e trocas simbólicas”. Os relatos orais foram coletados durante as pesquisas de campo e são partes integrantes da Dissertação, mas foram devidamente autorizados pelos entrevistados.

² Mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT), Cuiabá-MT. E-mail: giosants@gmail.com



O primeiro registro da dança em Mato Grosso foi feito pelo etnólogo Max Schmidt, no livro *Estudos de Etnologia Brasileira*, em 1900. Schmidt, em suas pesquisas pela região mato-grossense, observou a manifestação no município de Rosário Oeste, que fica a cento e trinta quilômetros, ao norte de Cuiabá. Segundo o etnólogo, como os brincantes não dispunham de instrumentos, eles os confeccionavam com materiais rudimentares. Schmidt observa também que “havia muitas variações” na dança e “os movimentos eram cada vez mais rápidos, principalmente ao fim das apresentações” (SCHIMDT, 1942). O siriri é marcado pela rítmica da viola de cocho³, que é um dos instrumentos criados pelos próprios brincantes, utilizando-se de materiais encontrados em sua localidade.

Atualmente, a dança passa por um processo de interação entre costume⁴ e transformação. Pereira e Gomes (2002:15) observam que o paradoxo está na “maneira dinâmica de afirmar que”, para a cultura popular continuar, “às vezes, é necessário mudar”. Nesse contexto, essa dança mato-grossense ganhou elementos novos, principalmente resultantes dos fluxos migratórios, da reterritorialidade, do surgimento de novas tecnologias no século 20 e da expansão dos meios de comunicação.

Típica das regiões ribeirinhas⁵ e das zonas rurais, a dança sai dos quintais para os palcos da cidade, estando presente nos mais distintos locais públicos e privados; principalmente no palco do Festival de Cururu e Siriri de Cuiabá.

FLUXOS MIGRATÓRIOS E IDENTIDADE

Desde sua colonização, no século 18, Mato Grosso foi alvo de migração. Com a construção de Brasília, em 21 de abril de 1960, ocorreu um processo de “interiorização”. Esse fluxo migratório ocorreu mais intensamente a partir da década de 1970, com a migração sulista.

³ O cocho é uma tora de madeira escavada, formando uma espécie de recipiente. É muito utilizado para se colocar sal para o gado, nas pastagens das fazendas. A viola feita com esse material possui uma caixa de ressonância, no local onde se colocava o sal, por isso recebeu o nome de viola de cocho. Alguns estudiosos defendem a tese de que ela é derivada diretamente do alaúde árabe.

⁴ De acordo com o historiador Eric Hobsbawn, as tradições têm como objetivo a invariabilidade, ou seja, impõem práticas fixas, tais como a repetição. Nesse sentido, a concepção de tradição aproxima-se de folclore. Por isso, dá-se preferência por costume, que segundo o autor, “não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora seja tolhido pela exigência de que deve se parecer compatível [...] com o precedente”. Assim, consideramos “costume” coincidente do termo “cultura popular” (HOBSBAWN, 1997, p.10).

⁵ Comunidades que se encontram próximas aos rios.



Em Mato Grosso somos frutos de uma ocupação territorial recente e ainda em processo [...]. Compreende-se que no encontro conflitivo de etnias [...] promoveu-se uma mistura de [...] diversas maneiras de ser, de crer, de dançar, de alimentar-se, de vestir-se e de festejar a vida em comunidade (GRANDO apud GRANDO, 2004).

O fluxo migratório não é o único fator que influencia na construção de identidade em Cuiabá, e depois em todo em Mato Grosso. Aspectos da própria realidade social de Cuiabá, disputas econômicas e políticas também vão impulsionar a criação de um movimento com caráter identitário, o Muxirum Cuiabano, que foi uma tentativa de homogeneizar a cultura local.

As mudanças territoriais, como a divisão do Estado – que deixou a elite cuiabana com “preocupações hegemônicas”, devido principalmente à disputa de poder entre facções políticas – e o deslocamento das populações ribeirinhas, que são as detentoras das manifestações populares (siriri, cururu, catira, boi a serra e outras), também resultam na construção de “identidade cuiabana”, no final da década de 70 e nos anos 80.

[...] a enchente de 1974 [...] levou o governo a esvaziar o Grande Terceiro⁶, transferindo os seus moradores para outros locais. Esse fato, num certo sentido, **descaracterizou** a cultura dessa população ribeirinha (São Gonçalo, Pari, Passagem da Conceição, etc) que tinha as suas práticas culturais vinculadas ao rio (FONTES apud VOLPATO, 1993:25; *grifo nosso*).

A desterritorialização não provoca “extinção”, “desaparecimento”, “perda” dos costumes da população ribeirinha. Como apontou Fontes, citando Volpato, há uma descaracterização. Afinal, o rio já não será o principal protagonista na vida do ribeirinho; assim, as letras de siriri não tratarão exclusivamente sobre rio ou os costumes ligados às práticas ribeirinhas. O contexto urbano irá se inserir nas suas falas, nas suas danças e nas suas músicas. Por isso, atualmente, muitos grupos de siriri entoam versos falando sobre “a Copa de 2014”, sobre problemas **globais** como a água (e sua preservação). Quando seus representantes foram deslocados ocorreu uma ressignificação no devir e na poética da dança.

⁶ Grande Terceiro é um bairro próximo ao rio Cuiabá.



O ex-secretário Municipal de Cultural e produtor cultural, Mario Olímpio⁷, também reconhece o deslocamento dessas comunidades. No entanto, ele não acredita em descaracterização, mas sim em desconcentração.

[...] No início da década de 70, o fluxo migratório desconcentrou e dispersou para áreas periféricas os cuiabanos do Baú, Lixeira, Araés, Dom Aquino, Campo D'Ourique, Porto e Centro Histórico, desconcentrando o burburinho e a sinfonia do falar cuiabano e do tecer cultural [...] (Caderno do 7º Festival de Cururu e Siriri).

*

*Mesmo com a especulação imobiliária que foi afastando eles para a periferia, eles não **perderam** as raízes e a tradição oral, as lembranças, a memória.*

Quando Rosemary Fontes fala em “descaracterização” não está se referindo à “perda”, mas sim em uma mudança no contexto sociocultural que reflete diretamente no modo de viver e, logo, no modo de produção da dança. Podemos observar que o discurso de Olímpio é similar aos anseios da elite social, cultural e política da década de 70 e 80, que se intitularam “os defensores e promotores” das manifestações culturais locais.

[...] intensa penetração de elementos vindos de outras regiões do país, notadamente da região sul, cujas manifestações de cultura [...] estão sendo introduzidas no Estado [...]. O advento dos novos tempos, com hábitos modernos, [...] e as diversões introduzidas pela televisão; a invasão cada vez mais acentuada de elementos **alienígenas** que tendem a ser tornar (sic) a maioria da população, portadores de diferentes culturas, tudo isso torna hoje mais raras as manifestações folclóricas matogrossenses (sic) e, ao que nos parece, acabarão, em um futuro não muito remoto, por extinguí-las de vez, mau grado os esforços atualmente desenvolvidos em favor da **preservação do patrimônio cultural do Estado** (PÓVOAS, 1994:131; *grifos nossos*).

O fluxo migratório, o contexto sociopolítico e as transformações da Capital durante as décadas de 70 e 80 do século passado resultaram em um sentimento de não pertencimento e, principalmente, o temor de perda de poder. A elite local pretendia “reviver” as raízes ancestrais cuiabanas, pois elas estavam em perigo, por conta das transformações que a Capital passava e também da “influência externa que podia por em risco suas hierarquizações sociais” (FONTES, 1993: 26-27).

Uma forma de se colocarem frente a isso foi o Muxirum, que, inclusive, foi instituído como uma associação privada e reconhecida como de utilidade pública pela Lei Estadual 5830 de 20 de setembro de 1991. No entanto, esse movimento foi uma

⁷ À época da pesquisa de campo, entre janeiro de 2009 a janeiro de 2010, Olímpio pediu exoneração do cargo, para se candidatar a Deputado Estadual. A entrevista foi concedida em setembro de 2009, duas semanas antes de sair da Secretaria Municipal de Cultura.



ação da elite cuiabana, ou seja, uma minoria da população cuiabana. As populações ribeirinhas estavam bem distantes desse movimento, mas foi a partir disso que, aos poucos, houve um despertar da elite cuiabana e do poder político para as culturas das classes subalternas.

PROCESSOS IDENTITÁRIOS

Dois aspectos estão presentes na negociação e nas trocas simbólicas que envolvem o siriri: a questão da identidade (eu/outro) e as relações de poder. É um paradoxo se falar em identidade cultural única no atual contexto social que estamos. Mas no contexto cuiabano, essa é uma estratégia de negociação (política).

Atualmente, o discurso identitário não é mais o mesmo que nas décadas anteriores. Não há mais o temor ao novo, mas a questão da identidade ainda continua presente no pensamento da elite política cuiabana. Agora, a identidade é uma forma de diferenciação e de estratégia (política) de integração regional.

Ao se pensar em processo de identificação, como bem colocou Homi Bhabha, pressupõe-se a alteridade. E é exatamente essa alteridade que permeou e ainda permeia as relações sociais em Mato Grosso.

É uma demanda que se entende em direção a um objeto externo e, como escreve Jacqueline Rose: “É a relação dessa demanda com o lugar do objeto que ela reivindica que se torna a base da identificação”. [...] É sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão de papéis (BHABHA, 2008:76).

Assim como na década de 70 e 80, a elite cuiabana e o poder político defendiam uma “cultura mato-grossense”, hoje também há defensores dessa homogeneização, como o paulistano de Dracena, prefeito Wilson Santos, 47 anos, que se mudou para Cuiabá em meados dos anos 1960 e o ex-secretário Municipal de Cultura, o sul mato-grossense de Nioaque, Mario Olimpio, 46, que vive em Cuiabá desde a década de 1980.

(prefeito Wilson Santos) Eu sempre digo que a cultura é o traço inegociável da identidade de um povo. A cultura é exatamente aquilo que nos diferencia e nos projeta nas relações humanas. Na Macedônia Antiga os imperadores só se davam por satisfeitos quando conquistavam culturalmente determinado povo, pois diziam que a conquista só estaria completa se a cultura macedônica prevalecesse sobre a cultura do povo conquistado. Faço esse paralelo para dizer que a cultura cuiabana nunca se quedou frente às outras culturas. Ao contrário, sempre soube conviver com as diferenças,



VI ENECULT | encontro de estudos multidisciplinares em cultura

preservando os seus traços fundamentais. É exatamente essa capacidade que torna a Capital do Estado de Mato Grosso uma das cidades mais calorosas e hospitaleiras de todo o Brasil. Também foi a cultura cuiabana o diferencial que fez com que a FIFA escolha Cuiabá como sede da COPA DO MUNDO DE 2014 [...]

*

(Mario Olímpio) O cururu e siriri deixam de ser expressões das gentes das margens do rio Cuiabá e se torna (sic) expressão das gentes do Mato Grosso. Depois de restaurar o sentimento da cuiabania, agora é hora do cururu e siriri restaurarem o sentimento de mato-grossismo (Catálogo do 8º Festival de Cururu e Siriri).

Pode-se observar o interesse do poder político em utilizar a dança siriri como uma forma de construção de identidade, como na frase “a cultura é o traço inegociável da identidade de um povo”. Além de reforçar a questão da identidade na sua fala, o prefeito Wilson Santos também demonstra outro caráter a isso: negociação (“traço inegociável”).

A questão da dicotomia eu/outro também se faz presente no texto, não só por meio da analogia com a cultura macedônica como também no trecho: “a cultura cuiabana nunca se quedou frente às outras culturas. Ao contrário, sempre soube conviver com as diferenças, preservando os seus traços fundamentais”.

Na fala de Mario Olímpio se observa a (busca pela) construção de uma identidade homogênea, fruto dessa relação eu (cuiabanos)/ outros (migrantes): sentimento de cuiabania e sentimento de mato-grossismo.

Ao ser questionado se esse “sentimento” de mato-grossismo é uma construção, Mario Olímpio foi enfático e argumentou de modo peculiar com “razões históricas”.

Eu prefiro chamar o termo como é usado, que é revitalização. Mato Grosso, Cuiabá nasce da chegada dos portugueses, trazendo os africanos escravos, encontrando aqui os indígenas. Em uma convivência não pacífica, eles foram criando as suas manifestações culturais. O siriri e o cururu são as primeiras dessas manifestações híbridas. O siriri que mistura o negro, o branco e o índio. O siriri é um dos primeiros, e tem o mesmo elemento histórico que o carnaval [...], ou seja, nasce da necessidade política cultural e histórica de unir o negro, o branco e o índio; temos que considerar o papel fundamental da Igreja Católica, tanto para o carnaval como para o siriri, pois ela faz a articulação entre o negro e o branco, ela que faz o índio crer em Deus e o ribeirinho pobre acreditar que vale a pena crer em Deus, que vale a pena viver e acreditar em seu trabalho, e apaziguando, ela traz o branco para colaborar com dinheiro e paciência. Assim, considerando que o cururu e o siriri são as primeiras manifestações de Cuiabá, que nasce em 1719, então, nós vamos acreditar que também é do Mato Grosso [...]. Ou seja, Mato Grosso nasce depois de Cuiabá, pois Cuiabá nasce província de São Paulo [...] Vamos acreditar que o cururu e o siriri são as primeiras manifestações de Mato Grosso. E esse processo que nós



fazemos hoje de ir ao encontro do povo mato-grossense é a revitalização, o reviver daquele processo histórico. Então não é uma reinvenção, é a revivência. Mas aí também podem dizer: “há mais vocês não tem receio que isso não seja bem visto pelas comunidades migrantes”. Não, por que nós não vamos forçar nenhuma aceitação. Está vindo de forma necessária.

A ação de “revitalização”, ou melhor, identidade homogeneizada e inventada, tem motivações políticas, como bem colocou o prefeito: traço inegociável.

Acredito que a partir do contexto histórico e social de Mato Grosso é mais coerente se falar em processo de identificação (BHABHA, 2008: 75). Afinal, não é possível se falar em uma identidade, mas sim “a produção de uma imagem de identidade e transformação do sujeito ao assumir aquela imagem [...], implica a representação do sujeito na ordem [...] da alteridade” (*ibidem*).

Esses discursos “identitários” vêm ganhando voz (e força) por causa do poder político, que vem transformando o siriri em produto. Mesmo assim creio que não é um processo consolidado, por que há uma divisão: grupos da zona rural e grupos urbanos. Por isso, não se pode generalizar o fazer siriri como produto – isso ocorre mais no contexto de Cuiabá (grupos urbanos). Afinal, ainda há comunidades que o mantêm enquanto produção comunitária. Assim, prefiro falar em identificação, como pontuou Fernandes:

A identificação está mais ligada à natureza da cultura popular por ser um processo e não um produto. [...] Como processo, [...] é passível de várias leituras, e sendo identificação é construído por diversos atores sociais. E os atores também podem apresentar opiniões que, à primeira vista, parecem conflitantes, mas que, no fundo, refletem a diversidade dos que participam (2007: 137-8).

Além do contrafluxo cultural⁸ pelo qual o siriri passou e passa, nota-se que a dança está diretamente vinculada ao campo político (principalmente o governo municipal) e ao campo econômico, por meio de patrocínios para eventos, inclusive, em alguns casos, para as festas das próprias comunidades. Um exemplo disso é a própria Federação de Associações de Grupos de Siriri e Cururu, que está vinculada diretamente a Secretaria Municipal de Cultura de Cuiabá.

⁸ Utilizo o conceito de Ulf Hannerz (de circuitos subalternos). Dessa forma, acredito que o siriri vem “transcendendo” a fronteira do local. A dança sai do contexto das comunidades e passa a um panorama nacional (e por que não dizer global), por meio da exposição na mídia e também em decorrência da interação com o poder político. Os fluxos (e contrafluxos) “são explicações para este movimento típico da nova ordem mundial, na qual a flexibilização das fronteiras postula novas identidades e exige um reexame das noções de tempo e espaço, o que vem sendo feito, de maneiras diversas, pelos próprios agentes sociais”. (ENNE, 2004).



*[...] A prefeitura de Cuiabá é uma grande parceira. É a mãe da Federação. O governo do Estado também participa, mas a **prefeitura que é a grande mãe**. Dá tudo, estrutura física e financeira. E investimentos (Edilaine Domingas da Silva Albino, suplente da Tesouraria da Federação)⁹.*

Porém não é somente nesse sentido que a manifestação cultural está ligada ao campo político. Hoje, ao se falar em “siriri”, é impossível não fazer uma associação (imediate) com o Festival de Cururu e Siriri. Realizado pela Secretaria Municipal de Cultura de Cuiabá, e com apoio da iniciativa privada, o evento começou em 2001, com apenas quatro grupos. Em 2009, ocorreu a oitava edição, na qual se apresentaram grupos de vários municípios do Estado. Os 18 grupos que se apresentaram passaram, primeiramente, por uma prévia (Território Cururu Siriri, por meio de mini festivais), na qual foram classificados. Cada grupo classificado para o Festival, recebe R\$ 5 mil para apresentação (confecção de roupas, acessórios e figuras lendárias – exemplos: boi, e outras figuras que remetem à região).

Nesse sentido, o siriri não pode ser considerado, propriamente, manifestação da cultura popular.

Uma manifestação cultural deixa de ser popular, tornando-se institucional, mesmo que tenha sido anteriormente muito difundida em segmentos subalternos da população, quando seus produtores passam a depender, para sua realização, de uma entidade pública ou privada (por exemplo, quando passam a atuar apenas em eventos institucionais, perdendo seus espaços próprios de apresentação) (AYALA & AYALA, 2002, p.63).

O siriri não só ganha novos elementos – vestimentas, acessórios, instrumentos –, como também novos significados, e passa de uma *produção* para um **produto**.

Essa resignificação fica bem clara com a opinião do produtor cultural, advogado e ex-Secretario Municipal de cultura, Mario Olímpio:

*Pouco a pouco, por meio de um forte trabalho de comunicação, não de marketing ainda, pois agora é um trabalho de consciência da política pública, da afirmação do **produto**. Vai chegar a hora do marketing. Agora é hora da difusão, que começa com a propaganda com um cunho institucional e a difusão no campo da mídia espontânea e aí entra o trabalho da assessoria, com Ana Cristina Vieira e Viviane, e alguns parceiros em São Paulo [...].*

⁹ Para diferenciar as citações referentes à oralidade, será utilizada a fonte Monotype Corsiva.



RELAÇÕES DE PODER E TROCAS SIMBÓLICAS

Os grupos de siriri¹⁰ (subalternos¹¹) também contribuem para que essa ressignificação aconteça. Observou-se que os grupos também buscam o campo das mídias para se legitimarem com agentes sociais do siriri. Outro ponto desse processo de negociação é que não há a interação espontânea entre esses agentes. Ou seja, para efetivamente haver a interação, os brincantes necessitam da inserção do poder político.

Para os grupos, a divulgação da dança nos veículos de comunicação locais é mínima e, na verdade, quase sempre vinculada ao Festival de Cururu e Siriri de Cuiabá.

Os responsáveis pelo grupo Bico de Prata¹², de Santo Antônio de Leverger, Geraldo Cruz Silva Costa e Maria Auxiliadora de Souza, são ponderados ao responder sobre o interesse da mídia:

(Geraldo) Mais na época do Festival, né. Aí a mídia... aí eles querem crescer. Mas também passo, cabó.

(Cotinha) Já algumas propaganda passano de siriri.

(Geraldo) Mas só que já cresceu. Vixe, em vista do que era uns cinco anos atrás. A mídia já tá bem... espero que continue assim, cresceno mais, valorizano a cultura.

A fala de Geraldo e Maria Auxiliadora, a Cotinha, pode ser analisada em três níveis: o da situação imediata, o da hierarquia e contexto sociocultural mais amplo. No primeiro nível estão as falas de Geraldo e Cotinha (“*Mas na época do Festival...*” e “*Já algumas propaganda passano de siriri*”), nas quais eles expõem de imediato a situação vivida, a realidade. No segundo nível, Geraldo ameniza a situação exposta anteriormente: “*só que*

¹⁰ Há, atualmente, em torno de 60 grupos de siriri registrados na Federação de Associações de grupos de Siriri e Cururu de Mato Grosso. Foram entrevistados quatro grupos, Flor Ribeirinha, Raízes Cuiabana, Bico de Prata e Flor do Cambambe. A escolha foi feita levando-se em consideração a região onde estão esses grupos (um deles, o Flor Ribeirinha, é da comunidade de São Gonçalo Beira, em Cuiabá, onde começou o povoamento da capital; outro grupo também é da capital, ou seja, um grupo urbano; os outros dois são de municípios próximos: Chapada dos Guimarães – Flor do Cambambe – e Santo Antônio do Leverger – Bico de Prata), também foi levado em conta relação com a mídia e o tempo de existência do grupos.

¹¹ CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**, 2006; **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**, 2008.

¹² Santo Antônio do Leverger é um município que fica nos arredores de Cuiabá, a 34 quilômetros ao sul da Capital. O grupo é originário do bairro Lixá. Essa comunidade começou a dançar siriri em 1986, com o chamado siriri de rua – modalidade da dança que é livre, sem coreografia, e realizada apenas para a diversão dos integrantes; geralmente começa no dia 08 de dezembro, para comemorar o dia de Nossa Senhora da Conceição, e vai até o carnaval, no qual se misturam outras danças e folguedos da região. Já o grupo iniciou em 2005, depois que o Festival começou.



já cresceu”. Assim, nota-se a questão da hierarquia. Nesse contexto, Geraldo se coloca hierarquicamente “inferior”, ou seja, enquanto classe subalterna, que, para mostrar seu grupo, também necessita da mídia – aí está a necessidade de acreditar nesse poder e até mesmo elogiar: “*valorizano mais a cultura*”. O terceiro nível é o sentido mais subliminar, e mostra a relação de poder na cultura local, a questão de classes e as trocas existentes entre elas (mídia e estado x grupos).

Ainda sobre essa relação, os responsáveis pelo grupo Flor do Cambambe, da comunidade de Água Fria¹³, Deodato Alves de Oliveira e Regina Márcia Fernandes, comentam:

*(Deodato) Ah, acho que uns cinco anos prá cá, né, Regina?
[...]*

(Regina) O interesse começou quando descobriram que o siriri também dá voto (risos)

Direta e espontânea, Regina, até mesmo pelo contexto sociocultural e geográfico da comunidade, coloca-se mais distante das relações de poder. Por isso, ela pôde, sem medo, expressar sua opinião abertamente.

A líder do grupo Raízes Cuiabana¹⁴, de Cuiabá, Dilza Catarina de Souza, também faz uma análise mais aprofundada da questão, observando as trocas econômicas:

A que você atribuiu esse interesse da mídia?

(Dilza) Visando o lucro, visando em chamar mais turista. Por que, na verdade, a mídia dá oportunidade, mas é uma pontinha lá. A partir do momento que todo poder, tanto estadual como municipal, falou bem assim: “Graças à cultura siriri e ao cururu que nós conseguimos trazer a Copa para Mato Grosso”. Nossa ai eles viram como o siriri...Aí o Blairo (governador Blairo Maggi) ainda

¹³ A comunidade de Água Fria é um pequeno distrito do município de Chapada dos Guimarães, próximo a Cuiabá. Vindo pela rodovia MT-251, a comunidade fica no caminho para Chapada, porém, para ter acesso a região é necessário adentrar em uma estrada de terra (nem sempre em bom estado) e percorrer pouco mais de trinta quilômetros. Originado por volta da década de 1930, por conta da atividade garimpeira, o distrito não é uma região procurada por turistas. Sua economia gira em torno, basicamente, dos empregos públicos (Posto de Saúde e duas escolas, uma municipal e outra estadual, que atendem outras comunidades próximas). Há apenas um mercado e as linhas telefônicas são escassas. Praticamente todos os moradores utilizam telefone celular, porém o sinal para celular é difícil. O grupo Flor do Cambambe foi criado em 1967, em uma festa de santo realizada na comunidade. Possui esse nome em homenagem ao Morro do Cambambe, que fica a mais ou menos trinta quilômetros do Distrito.

¹⁴ O grupo é originário do bairro Parque Ohara, região do Coxipó, em Cuiabá, e foi fundado em 2002/2003.



VI ENECULT | encontro de estudos multidisciplinares em cultura

*falou para gente numa reunião: “Vocês que ganharam a eleição para o Wilson Santos, e não o Wilson Santos que ganhou a eleição”. Por que cada grupo tem no mínimo 120 pessoas, envolvidas diretamente. Indiretamente muito mais. Tem simpatizante. Uma comunidade inteira **move uma cidade**. Ai vai o trabalho de formiguinha, boca a boca.*

A fala de Dilza contém ao mesmo tempo uma análise da situação imediata como aponta também para ao contexto sociocultural amplo. E acrescenta outro enunciado: o poder dos subalternos. Ela se insere – e insere os grupos de siriri – e principalmente deixa explícito o poder dos grupos, e também como contribuem com os outros atores. Nessa fala fica clara a luta pelo poder (simbólico). Ou seja, a mídia se interessa (e o governo também) “*visando lucro*”. Os brincantes também não estão isentos: eles também possuem usam os campos das mídias e político. Assim, Dilza deixa claro que os oprimidos também têm poder e que também podem influenciar o contexto sociocultural, se lhes for favorável.

Ao contrário dos grupos, a opinião do poder público, representado pelo ex-Secretário Mário Olímpio demonstra interação entre mídia e siriri.

*Aqui [Cuiabá] nós já conquistamos os **jornais locais** e estamos começando a trazer os **jornais de fora**. E hoje já não é mais surpresa você falar cururu e siriri em um ambiente cultural de São Paulo [...].*

Observa-se que esta fala é a segunda parte da resposta a seguinte pergunta: “*Como o sr. acha que os outros estados estão vendo o siriri?*”. Para melhor compreender, o começo da fala diz:

*Pouco a pouco, por meio de um forte trabalho de comunicação, não de marketing ainda, pois agora é um trabalho de consciência da política pública, da afirmação do **produto**. Vai chegar a hora do marketing. Agora é hora da difusão, que começa com a propaganda com um **cunho institucional** e a difusão no campo da mídia espontânea e aí entra o trabalho da assessoria, com Ana Cristina Vieira e Viviane, e alguns parceiros em São Paulo.*

Assim, ao falar na representatividade da dança em nível nacional, ele a associou a mídia, a divulgação. Ao utilizar o sujeito **nós**, juntamente, com o verbo **conquistamos**, Olímpio se refere ao poder público municipal, a Secretaria. Logo, a conquista não foi apenas dos grupos, foi também, e principalmente, de cunho institucional. Com essa fala percebe-se o quanto o fazer siriri está vinculada ao institucional, ao poder político.



É importante observar que o nível de interação dos grupos de siriri com a mídia não se deve exclusivamente ao institucional, há outros fatores como: contexto socioeconômico, ou seja, se a comunidade está inserida na zona rural ou urbana e a capacidade de se relacionar com empresários, políticos, atrair turistas e, é claro, o próprio interesse dos grupos de aderirem a esse processo.

A interação do grupo da comunidade de São Gonçalo Beira Rio, o Flor Ribeirinha, com a mídia, é um reflexo desse processo, que é baseado nos novos discursos e novas práticas culturais adotadas pela comunidade. Entre elas estão: a coreografia, as letras de música, das vestimentas, a teatralização. Edilaine comenta sobre as mudanças:

*Nós fomos os primeiros a trazer inovações. Primeiro colocamo o andor, primeiro a usá chapéu. Fomos os primeiros a criar uma abertura, prá num começá seco, já começá na dança como era antes. Colocamo música de santo. Colocamo as saias rodadas. Primeiro aumentamo a roda da saída de um metro pra seis metros. Depois foi prá nove e no último Festival foi 10 metros de roda na saia. E vamos aumentar mais. Por que tem que ter movimento, evolução. Tem que ter pedraria, brilho. Folclore tem muito brilho. Desde o primeiro Festival **nós fomos o primeiro grupo** a ter coreógrafo profissional, para dar uma noção. Tivemos dois coreógrafos, o Paulo Medina, que foi no primeiro ano. E depois o Kelson Panosso. Até o terceiro Festival nós tivemos ajuda profissional. Depois nós mesmos passamo a coreografar [...]*

Esse discurso vem a confirmar a luta interna por poder.

Essa possibilidade de visibilidade dos grupos culturais inseridos na indústria cultural e no espaço público contemporâneo se dá a partir do papel reestruturador da mídia, [...] os códigos de comportamento surgem pela cultura, são institucionalizados pelo poder político e propagado pelo poder simbólico – mídia – que os difunde. [...]. Assim, a representação [...] do grupo (Flor Ribeirinha) surge enquanto elemento de consumo, num espaço pós-moderno onde o consumo de bens simbólicos é alimentado pela idéia de novidade. [...] não se encontra mais restrito pelas condições de transmissão localizada, deslocando-se para novos contextos sociais e geográficos, com novas reconfigurações. Portanto, [...] a partir da apropriação que a mídia faz do siriri enquanto símbolo de uma cultura e artefato de memória - por meio da divulgação do grupo folclórico Flor Ribeirinha – ocorre uma remodelação do que seja artefato cultural para algo como um espetáculo a ser consumido (SANT'ANA, VELHO e SILVA *apud* THOMPSON, 2002, p. 171 e 172).

Um exemplo dessa relação de trocas simbólicas e materiais ocorreu em maio de 2009. Na época Mato Grosso disputava com o vizinho (e histórico rival desde os remotos anos pré-divisão do estado) quem seria a sede da Copa 2014. Para a campanha publicitária, foram convidados vários grupos de siriri de Cuiabá, Chapada dos Guimarães e Santo Antônio, que são os municípios mais próximos da Capital. O convite



VI ENECULT | encontro de estudos multidisciplinares em cultura

foi feito pelo ex-secretário de Cultura, Mário Olímpio. Estratégia similar foi usada no dia 02 de outubro de 2009, quando o Brasil (Rio de Janeiro) estava disputando, juntamente com Espanha (Madri) e Japão (Tóquio), a sede das Olimpíadas de 2016. A campanha utilizada apresentou as riquezas culturais do país. Entre alguns lugares mostrados estavam Salvador, Bahia (músicos do Olodum no Pelourinho) e Cuiabá, Mato Grosso, com imagens ao vivo de um grupo de siriri se apresentando em uma praça da Capital mato-grossense.

Diante dessa realidade, é necessário compreender o quanto os próprios brincantes permitem e, inclusive, espontaneamente aderem ao novo processo. As opiniões são divididas: grupos mais afastados, que estão na zona rural, não são favoráveis à intensa negociação entre siriri e poder público/econômico. Já os grupos de Cuiabá (urbanos), não só concordam, como vem buscando isso, de diferentes formas.

Dilza, do Raízes Cuiabana, por exemplo, acredita na profissionalização dos grupos: “[...] a gente que buscar é profissional mesmo. [...] Agora que os grupos acordou para buscar recursos junto ao poder federal, estadual, municipal, por meio de projetos”.

Quem também acredita nessa ideia é o grupo Flor Ribeirinha. A integrante Edilaine Domingas da Silva Albino, filha de Dona Domingas e suplente da Tesouraria da Federação de Associações de Grupos de Cururu e Siriri, fala sobre o assunto:

Toda dança folclórica sofre mudanças. E eu vejo isso como ponto positivo [...] Os grupos também buscam crescer [...] queremos [A Federação] que os grupos virem grupos profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que o siriri deve ser uma **produção** coletiva, comunitária, e não como um produto da indústria cultural. Muito menos como um **objeto** de luta pelo poder. Mas do que trocas simbólicas entre poder político e mídia, a realidade dessa dança em Mato Grosso pode ser retratada como uma competição de “**eu (s)**”.

Por isso, creio que os grupos têm que buscar sua própria autonomia, lutando por seus direitos enquanto cidadãos e como detentores da tradição oral e de uma manifestação cultural que necessita ser, realmente, valorizada. A valorização não é (não significa) troca de favores.

Para mim, primeiramente, é necessário que cada detentor dessa cultura compreenda o quanto o siriri é importante para o contexto da realidade sociocultural em



Mato Grosso e não apenas veja a dança – e também se veja – como um produto das relações de poder ou como um *souvenir*, um boneco de lembrança turística, que, aliás, se vendem muitos em Cuiabá.

Ao invés de se dividirem, lutando cada qual pela sua fatia do “bolo” ou buscar ser o “melhor grupo”, os brincantes devem ver a dança como uma produção da comum da comunidade e da sociedade brasileira. Pode parecer utopia, mas, isso não é impossível. Afinal, unindo-se, eles se fortalecem e podem buscar junto ao poder público melhores condições para produção da dança, por exemplo, por meio de projetos de geração de emprego e renda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA Marcos; AYALA, Maria Ignez N. **Cultura Popular no Brasil**. 2ª ed. 2ºreimpr. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 4ª reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**, 5ª ed., Editora Perspectiva, 2003.

CADERNOS DE CULTURA – Siriri. Cuiabá-MT: Central de Texto. 2006. ISBN: 85-88696-43.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed; 3 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

(_____). **Consumidores e Cidadãos**. 6ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

ENNE, Ana Lúcia. Memórias Globalizadas e a construção dos futuros possíveis. **Revista eletrônica E-compós**. Edição 1, 2004. <<http://www.compos.org.br/e-compos>>.

GRANDO, Beleni Salette. **Cultura e Dança em Mato Grosso**: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na Região de Cáceres. 1ª reimpr. Cuiabá-MT: Central do Texto; Cáceres: Unemat Editora, 2005.

(_____). **Corpo, Educação e Cultura**: Tradições e saberes da cultura mato-grossense. Cáceres, MT. Editora Unemat, 2007.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**.

HOBSBAWN, Eric. “Introdução: A invenção das Tradições”. In: HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.



VI ENECULT | encontro de estudos multidisciplinares em cultura

LIMA, Rossini Tavares de. "Ciriri de Mato Grosso". *A Gazeta*. São Paulo, 25 de maio de 1957.

PEREIRA, E. de A; GOMES, N. P. de M. **Flor do não esquecimento** – Cultura Popular e processos de transformação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SANT'ANA A; VELHO A.F; SILVA M.B. Grupo de Siriri Flor Ribeirinha de Cuiabá: mídia e legitimação da tradição na pós-modernidade. In: 16º Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas - SP. Anais do 16º COLE, 2007; p. 171 E 172.

SCHMIDT, Max. **Estudos de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

